

DO AMOR

(Extractos do meu diário)

1917

Para que seja possível a completa harmonia das almas é necessária a harmonia da respiração, pois que é a respiração senão o ritmo da alma?

Assim, para que as pessoas se compreendam umas às outras, é necessário que caminhem ou se deitem uma ao lado da outra.

Nobreza do coração — do órgão. Uma vigilância permanente. É o primeiro a dar o alarme. Poderia dizer: não é o amor que faz bater o meu coração, são as batidas do meu coração que engendram — o amor.

O coração: mais um órgão musical do que um órgão fisiológico.

O coração: uma sonda, um corredouro, um dinamómetro, um termómetro: tudo — excepto o cronómetro do amor.

*

«Gosta de dois, isso significa que não gosta de ninguém!» — Desculpe, mas se, além de N., amasse Heinrich Heine, não diria que àquele, ao primeiro, não o amo. Significa que é possível amar ao mesmo tempo um vivo e um morto. Mas imagine que Heinrich Heine ressuscitou e pode entrar em casa a qualquer momento. Eu sou a mesma, Heinrich Heine é o mesmo, a única diferença é que ele *pode entrar em casa*.

Assim: o amor por duas pessoas, cada uma das quais pode entrar em casa a qualquer momento, não é amor. Para que o meu amor simultâneo por duas pessoas seja amor, é indispensável que uma delas tenha nascido cem anos antes que eu ou que não tenha nascido de todo (um retrato, um poema). — Uma condição que nem sempre é possível cumprir!

E no entanto uma Isolda que amasse alguém além de Tristão, é inconcebível, e o grito de Sarah (de Marguerite Gautier)¹: «Oh! O Amor! O

1 Sarah Bernhardt (Marguerite Gautier) em *A dama das Camélias* (1825), de Alexandre Dumas Filho.

Amor!» dirigido a alguém que não o seu jovem amigo é — ridículo.

Proporia uma fórmula diferente: uma mulher que não se esquece de Heinrich Heine no momento em que o seu amado entra em casa, ama unicamente Heinrich Heine.

«Amado é — teatral, «amante» — sincero, «amigo» — impreciso.

País sem amor!

Cada vez que sei que alguém me ama — surpreendo-me, que não me ama — surpreendo-me, mas surpreendo-me sobretudo quando sou indiferente a alguém.

Anciãos e anciãs.

Um ancião, escanhado e esbelto, sempre um tanto antiquado, sempre um tanto marquês. A atenção que revela em relação a mim é mais afagadora e inquieta-me mais que o amor de um qualquer homem de vinte anos. Expressando-me com exagero: experimento a sensação de que é todo um século que me ama. Também a nostalgia pelos seus vinte anos, a alegria pelos meus, e a possibilidade de ser generosa — e toda a impossibilidade. Béranger tem uma cançoneta:

*Ce sont aussi des enfants
À la voix séduisante
Mais hélas! vous n'avez que douze ans
Et moi! j'en ai quarante*

Dezasseis anos e sessenta anos não é em absoluto monstruoso e, sobretudo, não é em absoluto ridículo. Em todo o caso, é menos ridículo do que a maior parte dos casamentos ditos «iguais». A possibilidade de um autêntico *pathos*.

E a anciã, enamorada de um jovenzito, no melhor dos casos é — comovedora. Uma excepção: as actrizes. Uma velha actriz — a múmia de uma rosa.

... «E entre eles existia este jogo. Ele cantava-lhe — ela chamava-se Marusia, como deve ser — «Marusia oh, Marusia, fecha os teus olhos», e ela deitava-se sobre a cama, cobria-se com um lençol — como uma verdadeia morta. Ele para ela: «Marusia! Não morras de vez! Marusia! Não morras de verdade!» — E de cada vez ele chorava. Trabalhavam numa fábrica, ela tinha quinze anos, ele — dezasseis»...

(Relato da avó.)

— Que marido era o meu, queridas, mas que marido!!! De humano só tinha a aparência. Não

comia nada, não fazia senão beber. Bebeu a minha almofada, o meu cobertor esbanjou-o com mulheres. Tudo lhe parecia aborrecido, queridas: trabalhar era aborrecido e sentar-se a tomar o chá comigo era aborrecido. Mas era bonito como um demónio: os cabelos encaracolados, as sobrancelhas iguaizinhas, os olhos azuis... Há mais de quatro anos que desapareceu!

(A avó às suas amigas.)

O primeiro olhar amoroso é a distância mais curta que há entre dois pontos, essa divina recta que não tem igual.

De uma carta:

«Se entrasse agora e dissesse: “Vou-me embora por muito tempo, para sempre”, ou: “Parece-me que já não a amo” — creio que não sentiria nada de novo: de cada vez que se vai embora, cada hora em que não está — não está para sempre e não me ama.»

Nos meus sentimentos, como nos das crianças, não há graus.

A primeira vitória de uma mulher sobre um homem é o relato do homem sobre o seu amor por outra mulher. Mas a vitória definitiva é o relato dessa outra mulher sobre o seu amor por